

TRABALHO COM NOTÍCIAS E FAKE NEWS NA SALA DE AULA¹

Ana Carolina Rocha²
Ana Luísa Duarte Gonçalves³
Daniervelin Renata Marques Pereira⁴

Resumo: Este artigo visa refletir sobre uma experiência de duas bolsistas na realização de uma proposta didática com uma turma do 2º ano do ensino médio do Colégio Técnico da UFMG, no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid). O tema proposto foi o impacto social decorrente da propagação de *fake news*. Como procedimento metodológico, faremos uma descrição das atividades realizadas em sala e discussão do percurso didático, incluindo reflexões sobre o aproveitamento dos alunos e avaliação da nossa abordagem. Temos como objetivo, neste relato, compartilhar experiências com professores e demais interessados em discutir as *fake news*, tema tão presente nas discussões da contemporaneidade, além de colaborar com pesquisas sobre as contribuições do Pibid na formação de professores. Concluimos que, diante da realidade da sala de aula, surgem novas demandas decorrentes das respostas dos alunos e, portanto, novas estratégias precisam ser elaboradas para atendê-las, já que o processo de ensino-aprendizagem é dinâmico. Também consideramos o valor do espaço promovido por programas como o Pibid para garantir educação de qualidade no ensino superior e na educação básica.

Palavras-chave: *Fake news*. Ensino Médio. Uso da internet. Formação de professores. Letramento.

Abstract: This article aims to reflect on the experience of two scholarship undergraduates in carrying out a didactic proposal with a class from the 2nd year of high school at the Technical College of UFMG, within the scope of the Institutional Program for Teaching Initiation Scholarships (Pibid). The theme proposed was the social impact resulting from the spread of fake news. As a methodological procedure, we will describe the activities carried out in the classroom and discuss the didactic path, including reflections on the students' performance and evaluation of our approach. In this report, we aim to share experiences with teachers and other people interested in discussing fake news, a subject that is so recurrent in contemporary discussions, in addition to collaborating with research on the contributions of Pibid in teacher education. We concluded that, given the reality of the classroom, new demands arise from the students' responses and, therefore, new strategies need to be developed to meet their

¹ Este trabalho foi desenvolvido com o financiamento da Capes para o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), na UFMG, de 2018 a 2020.

² Faculdade de Letras (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. E-mail: Carolrocha02@gmail.com

³ Faculdade de Letras (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. E-mail: analuidadgoncalves@hotmail.com

⁴ Professora da Faculdade de Letras da UFMG. Faculdade de Letras (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. E-mail: drenata@ufmg.br.

expectations, since the teaching and learning process is dynamic. We also value the space promoted by programs like Pibid to guarantee quality in higher and in basic education.

Keywords: Fake News. High School. Internet uses. Teacher training. Literacy.

Introdução

No exercício da docência, alinhar os conhecimentos teóricos ao contexto prático da sala de aula é um grande desafio. O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid), que visa contribuir para a formação de professores da rede de ensino básico e estimular o desenvolvimento de métodos de ensino inovadores, proporciona um espaço para que esse alinhamento se concretize, a partir da inserção dos graduandos no contexto real de uma escola. Durante as atividades do Subprojeto Língua Portuguesa, vinculado à Faculdade de Letras da UFMG, foi elaborado um projeto de ensino intitulado “*Fake news* na sala de aula”, posteriormente aplicado em uma turma do segundo ano do Ensino Médio do Colégio Técnico da UFMG (Coltec), sob a supervisão do professor Marcelo Chiaretto, no ano de 2018.

É importante ressaltar que, pela natureza do Pibid, suas atividades pressupõem trabalho em equipe, que envolve estudantes de licenciatura (bolsistas de Iniciação à Docência), professores de educação básica (supervisores) e docentes da universidade (coordenadores de área), contando ainda com um coordenador institucional que articula todos os subprojetos. A partir dessa rede, os bolsistas foram divididos em duplas para realizar as intervenções em sala de aula. Consideramos que esse modelo de trabalho garantiu maior segurança no processo de iniciação à docência, bem como possibilitou a troca de saberes entre os participantes do projeto. Sendo assim, as atividades propostas para a sala de aula contam, direta ou indiretamente, com a colaboração de todos os envolvidos nessa estrutura.

Também destacamos que, mesmo diante de sondagem e diagnóstico da escola, à medida que estava sendo executado, esse projeto teve que ser modificado diante da variação entre o que era esperado do público e a realidade encontrada. Compreendemos que ter uma resposta diante da quebra de expectativa é um ponto chave na prática docente, uma vez que nem sempre o planejamento está adequado à realidade encontrada. Essa experiência nos mostra, assim como Malheiros (2013) aponta, que a flexibilidade é um aspecto importante do planejamento.

O projeto proposto teve como foco o gênero notícia, especialmente aquelas disponíveis em meio digital, como forma de contemplar o ensino dos gêneros jornalísticos digitais, visto que, na sociedade moderna, o meio virtual ganha cada vez mais espaço. Os Parâmetros Curriculares Nacionais já sinalizavam, em 1998, o desenvolvimento de trabalhos que

“contemplem o uso das tecnologias da comunicação e da informação, para que todos, alunos e professores, possam delas se apropriar e participar, bem como criticá-las e delas usufruir.” (BRASIL, 1998, p. 11). A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) intensifica e expande a orientação para o uso das tecnologias digitais da comunicação e informação na sala de aula. Entre as dez competências gerais a serem desenvolvidas, destacam-se:

5. Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva (BRASIL, 2018, p. 9).

Nas competências específicas para a área de Linguagens e suas Tecnologias no Ensino Médio, precisamente na competência 7, o documento destaca a necessidade de se considerar as várias práticas do universo digital:

Mobilizar práticas de linguagem no universo digital, considerando as dimensões técnicas, críticas, criativas, éticas e estéticas, para expandir as formas de produzir sentidos, de engajar-se em práticas autorais e coletivas, e de aprender a aprender nos campos da ciência, cultura, trabalho, informação e vida pessoal e coletiva (BRASIL, 2018, p. 490).

O gênero notícia está claramente inserido nesse documento dentro de um dos cinco campos de atuação propostos: “Campo da vida cotidiana (somente anos iniciais), Campo artístico-literário, Campo das práticas de estudo e pesquisa, *Campo jornalístico-midiático* e Campo de atuação na vida pública” (BRASIL, 2018, p. 84, grifo nosso). A BNCC defende que a exploração do campo jornalístico-midiático “permite construir uma consciência crítica e seletiva em relação à produção e circulação de informações, posicionamentos e induções ao consumo” (BRASIL, 2018, p. 489), o que envolve com pertinência as temáticas das *fake news* e da pós-verdade, que selecionamos para nosso projeto e prática de ensino.

Tal gênero, fortemente inserido no contexto político atual brasileiro, é relevante por influenciar na forma como se deve pensar o conteúdo informativo veiculado pelos meios de comunicação, principalmente no espaço virtual. A onda de *fake news* reforça a importância de se analisar com criticidade a informação lida antes de repassá-la. Assim, torna-se imprescindível discutir essa questão no ambiente escolar para formar jovens críticos e atuantes na vida social.

Nessa perspectiva, o objetivo geral do projeto proposto para nossa prática no Coltec consistiu em promover, para os alunos, a apropriação do gênero discursivo jornalístico notícia na esfera digital. Para tanto, foi realizada uma sequência de ensino sobre os gêneros jornalísticos digitais com foco na leitura crítica de notícias, especificamente a partir da identificação de *fake news*.

Neste artigo, faremos a definição desse gênero e das *fake news*, a descrição da abordagem realizada na sala de aula, acompanhada de discussão, e as considerações finais. Passaremos, a seguir, à primeira dessas partes.

Notícias e *fake news*

Bakhtin (1997, p. 279, grifo do autor) define os gêneros do discurso como “*tipos relativamente estáveis* de enunciados”. Eles são tão diversos quanto a variedade da atividade humana e perpassam todos os discursos do sujeito, que os interpreta, reproduz e transforma de acordo com seu repertório. Contudo, segundo o autor, muitas pessoas “sentem-se logo desamparadas em certas esferas da comunicação verbal, precisamente pelo fato de não dominarem, na prática, as formas do gênero de uma dada esfera” (BAKHTIN, 1997, p. 303). Sendo assim, é fundamental que os estudantes conheçam os vários gêneros que lhes são úteis para que possam participar da sociedade. Dentre esses, o gênero notícia, visto que ele veicula informações de interesse da comunidade.

Segundo o Dicionário da Comunicação de Rabaça e Barbosa, notícia é um “relato de fatos ou acontecimentos atuais, de interesse e importância para a comunidade, e capaz de ser compreendido pelo público” (NOTÍCIA, 2002, s/p). Esse relato é organizado de maneira decrescente, partindo das informações mais interessantes (lide⁵) para aquelas que são menos importantes (dados secundários), como numa pirâmide invertida.

É preciso considerar, ainda, a dimensão discursiva que atravessa esse gênero. Ao adotar essa perspectiva, na notícia, assim como nos demais gêneros, os indivíduos irão abordá-la a partir de:

[...] aspectos sócio-históricos da situação enunciativa, privilegiando, sobretudo, a vontade enunciativa do locutor – isto é, sua finalidade, mas também e principalmente sua apreciação valorativa sobre seu(s) interlocutor(es) e temas discursivos – e, a partir desta análise, buscarão as marcas linguísticas (formas do texto/enunciado e da língua

⁵ “Abertura de texto jornalístico [...]. Deve ser redigido de modo a “fisgar” o interesse do leitor para a leitura de toda a matéria. Na construção do lide, o redator deve responder às questões básicas da informação: o quê, quem, quando, onde, como e por quê (embora não necessariamente a todas elas em conjunto)” (LIDE, 2002, s/p).

– composição e estilo) que refletem, no enunciado/texto, esses aspectos da situação. (ROJO, 2005, p. 199).

Desse modo, a interpretação dos aspectos linguísticos do texto é tão importante como a compreensão de fatores extralinguísticos. De acordo com Acosta-Pereira (2008), uma notícia pode apresentar, dentre outros efeitos, aqueles de validação ou avaliação, a partir de diversas vozes, como de especialistas, tomando algum partido sobre os fatos relatados. É essencial que esse posicionamento seja compreendido para que seja feita uma boa leitura de notícias.

As mídias digitais têm ampliado a circulação de notícias, gerando consequências positivas, como o maior acesso à informação, e negativas, como a propagação de notícias falsas. Além dos textos jornalísticos, as mensagens que circulam nas redes sociais por vezes também apresentam aspectos do gênero notícia, como a função de transmitir informações de caráter público. Essa expansão é oriunda, além de outros fatores, da aceleração da transmissão de informações nas mídias digitais. Tal conjuntura faz com que os usuários compartilhem e estabeleçam suas opiniões com base em títulos e chamadas de notícias (MIHAILIDS; VIOTTY, 2017), sendo, assim, um contexto propenso para o surgimento e a propagação de notícias falsas.

O tema “*fake news*” tem sido muito discutido no contexto atual brasileiro, especialmente no âmbito político. Para que a discussão seja proveitosa, é importante primeiramente apresentar esse conceito. O termo pode ser traduzido, de forma simples, como “notícias falsas”, entretanto seu significado se refere em particular a notícias que são intencionalmente falsas, de acordo com o que nos aponta o jornalista Otávio Farias Filho, em artigo publicado na revista USP:

[...] toda informação que, sendo de modo comprovável falsa, seja capaz de prejudicar terceiros e tenha sido forjada e/ ou posta em circulação por negligência ou má-fé, neste caso, com vistas ao lucro fácil ou à manipulação política. É prudente, tudo indica, isolar a prática, diferenciando-a da mera expressão de pontos de vista falsos ou errôneos, assim como do entrecchoque de visões extremadas. Cabe também discernir entre a divulgação ocasional de notícias falsas e sua emissão reiterada, sistemática, a fim de configurar a má-fé (FILHO, 2008, p. 43).

Ainda segundo Filho (2008), apesar de ser uma expressão nova, esse tipo de notícia sempre existiu, não sendo, portanto, um fenômeno exclusivo da modernidade. A diferença é que ocorre atualmente uma disseminação muito mais rápida das *fake news* possibilitada pela alta velocidade de circulação da informação na web, que amplia consideravelmente o acesso a informações falsas. Ao mesmo tempo, a internet também favorece a rápida descoberta das *fake news*, pois há maior facilidade em se reconhecer o teor inverídico da informação na rede. Tal processo é uma consequência direta do aumento significativo do uso dessa tecnologia.

Conforme pesquisas feitas pelo IBGE (BRASIL ECONÔMICO, 2018), a porcentagem de residências com acesso à internet no Brasil passou de 63,6%, em 2016, para 70,5%, em 2017.

A expansão do acesso, porém, não implica qualidade de acesso. Uma pesquisa realizada pelo *Massachusetts Institute of Technology* (FAKE, 2018) e divulgada na Folha de São Paulo mostrou que uma notícia falsa tem 70% a mais de chance de ser repassada do que uma notícia real. Segundo os pesquisadores, um dos fatores que marca essa discrepância é o apelo emocional presente nas *fake news*. Esse caráter apelativo torna as notícias mais atrativas para um público que, muitas vezes, não faz uma leitura crítica e termina por associar tais notícias a ideias subjetivas pré-concebidas, como o fanatismo político.

As ocorrências de *fake news* se inserem na conjuntura da chamada “Pós-verdade”, que, segundo o Dicionário Oxford, “relaciona-se a circunstâncias em que as pessoas respondem mais a sentimentos e crenças do que a fatos. *Nesta era da política pós-verdade, é fácil selecionar os dados e chegar a qualquer conclusão que desejar*” (tradução nossa, grifo do autor)⁶. O dicionário Priberam relaciona explicitamente a Pós-verdade às notícias falsas no seu verbete:

Conjunto de circunstâncias ou contexto em que é atribuída grande importância, sobretudo social, política e jornalística, a notícias falsas ou a versões verossímeis dos factos, com apelo às emoções e às crenças pessoais, em detrimento de fatos apurados ou da verdade objetiva (ex.: *a mentira e os boatos alimentam a pós-verdade; o tema do momento é o pós-verdade nas redes sociais*) (PÓS-VERDADE, 2019).

Bucci (2018) associa o fenômeno da desvalorização da verdade às redes sociais e à internet, uma vez que nesse meio a propagação das notícias depende diretamente da ação de espectadores e, por essa razão, o desejo toma frente ante ao pensamento. Diferentemente do que acontecia na imprensa tradicional, essas novas práticas comunicacionais não estão pautadas na verificação criteriosa das informações. Segundo o autor, “uma notícia (falsificada, fraudulenta ou mesmo verdadeira, pouco importa) só se difunde à medida que corresponda a emoções, quaisquer emoções, ‘positivas’ ou ‘negativas’” (BUCCI, 2018, p. 28). Nesse sentido, como afirma, o sensacionalismo predomina sobre o fato e a propagação de notícias relaciona-se ao conforto psíquico que proporciona aos indivíduos.

Assim, no mundo contemporâneo, mais importante que a qualidade da informação é o quão próximo seu conteúdo, que ganha força com a repetição, está daquilo que o sujeito que a

⁶ “relating to circumstances in which people respond more to feelings and beliefs than to facts. *In this era of post-truth politics, it's easy to cherry-pick data and reach any conclusion you like.*” Disponível em: <https://www.oxfordlearnersdictionaries.com/us/definition/english/post-truth?q=post-truth>. Acesso em: 25 jul. 2019.

compartilha acredita de forma acrítica. Dessa maneira, é preciso entender “verdade” como dependente de um contexto regido por relações de poder. Cabe questionar, com o surgimento de *fake news*: quem as cria? Quais estratégias são utilizadas para sua “viralização”? A quem interessa suas consequências no âmbito social, histórico e político? Como chegar a uma notícia “verdadeira” e em que medida ela também não se torna uma construção?

Diante desse contexto a rápida circulação de notícias falsas causa impactos na sociedade em diferentes áreas. Por exemplo, é possível citar o caso das eleições nos Estados Unidos de 2016, influenciada primordialmente pela disseminação de *fake news* via *Facebook* em relação aos candidatos à presidência. Um caso semelhante aconteceu no Brasil em 2018, quando diversas notícias falsas também circularam durante o processo eleitoral.

Percebe-se, portanto, como a veiculação de *fake news* é um problema social que deve ser resolvido. Uma das propostas de solução perpassa o âmbito educacional e consiste em letramento crítico e letramento digital, que devem ser desenvolvidos pelos alunos na educação básica, com mediação do professor. Como explica Magda Soares (1999), diferentemente da alfabetização, que corresponde à aquisição da tecnologia da leitura e da escrita, o letramento configura-se como “o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita” (SOARES, 1999, p. 18). Desse modo, o letramento instaura-se no âmbito das práticas sociais, ou seja, do uso que se faz da leitura e da escrita respondendo às exigências que são feitas pela sociedade. Esse conceito nos permite observar que a condição de alfabetizado não necessariamente implica a condição de letrado e, nesse sentido, as práticas de letramento tornam-se essenciais no contexto escolar.

O letramento crítico, por sua vez, tem como um dos precursores Paulo Freire. Segundo Sardinha:

Letramento Crítico (LC) tem como objetivo a formação de cidadãos que se tornem agentes em um mundo mais justo por meio da crítica aos atuais problemas políticos e sociais mediante questionamentos das desigualdades, com incentivo de ações que visem a mudanças e soluções pautadas na justiça e na igualdade (SARDINHA, 2018, s/p).

Como entendemos, a não identificação de *fake news* é decorrente, em grande medida, da falta de criticidade dos sujeitos, que não duvidam de seu conteúdo, apenas o compartilham, sem consultar outras fontes. O letramento crítico, como meio de desenvolver a reflexão e abrir possibilidades de novas relações entre o texto recebido e outros textos do contexto social, parece-nos necessário. Sobre a condição de letramento, Rojo (2004) afirma que para alcançá-la é necessário ir além da literalidade do texto, buscando confrontá-lo com outros textos e

discursos e buscando avaliar posições ideológicas que constituem seus sentidos. Assim, queremos formar estudantes que saibam perceber, durante a leitura dos mais variados textos, especialmente das notícias, o que está por trás deles, em seu discurso⁷, os diferentes pontos de vista e questioná-los como “verdade”.

Já o letramento digital nos auxilia por envolver “práticas sociais de leitura e produção de textos em ambientes digitais, isto é, ao uso de textos em ambientes propiciados pelo computador ou por dispositivos móveis [...]” (RIBEIRO; COSCARELLI, s/d, s/p). Sabemos que o sujeito é letrado digitalmente quando sabe “se comunicar em diferentes situações, com propósitos variados, nesses ambientes, para fins pessoais ou profissionais” (ibid.). Além disso, outro aspecto relevante no ambiente digital é a multimodalidade, em que “as informações são apresentadas usando não apenas elementos linguísticos como palavras, frases, mas também animações, vídeos, sons, cores, ícones” (ibid.). Rojo (2012) considera que tais textos, compostos de múltiplas linguagens, exigem capacidades de compreensão e produção relacionadas a essas semioses.

Dessa maneira, o letramento digital, juntamente ao letramento crítico e levando em conta a multimodalidade, é pré-requisito para que o sujeito saiba identificar *fake news*. Este precisará, por exemplo, acessar *links* diversos, julgar sua confiabilidade pelo reconhecimento da configuração do endereço eletrônico, da autoria, da configuração textual e hipertextual da notícia. Quanto ao endereço eletrônico, podem ser analisadas as terminações típicas, como .org, .edu, .com.br e o que cada uma significa. Em relação à autoria, é indicado que se busque informações sobre quem escreveu o texto, assim como sobre o veículo em que foi publicado. Devem ser levados em conta fatores como área de especialidade, interesses particulares, orientações políticas, entre outros. No que se refere à configuração textual aspectos estruturais do texto podem ser levados em consideração, além da estrutura composicional, temática e estilo, próprias do gênero discursivo. Algumas características podem ser citadas: o cunho informativo, a impessoalidade, a objetividade, a adequação à estrutura básica do gênero discursivo. Por fim, devem ser checados os textos e imagens disponibilizados de forma hipertextual, sua origem e confiabilidade.

É importante ressaltar, ainda, que buscamos também integrar nessa prática, mesmo que indiretamente, grupos que estão fora da escola, como os pais dos alunos, funcionários da escola, entre outros que não estão familiarizados com as novas tecnologias. A partir dessa perspectiva,

⁷ Aqui consideramos que “O texto é a realização do discurso por meio da manifestação” (FIORIN, 2012, p. 148), ou seja, o texto materializa discursos, o que pode acontecer em diferentes linguagens, a visual, a verbal, a auditiva não verbal e a sincrética, quando se dá em diferentes linguagens.

torna-se pertinente levar o tema das *fake news* para ser discutido em sala de aula e a partir dela, de modo que a comunidade escolar como um todo possa desenvolver uma habilidade de leitura crítica das informações que chegam até ela.

Nossa prática, a ser relatada a seguir, guia-se, portanto, por esse quadro teórico.

Notícias e *fake news* na sala de aula

Sob essa ótica, foi desenvolvida uma proposta didática com o intuito de apresentar as características das *fake news* aos alunos e propor estratégias para uma leitura ativa de notícias. O trabalho foi realizado em quatro aulas, sendo cada uma delas com duração de cerca de 50 minutos. O objetivo da proposta de ensino foi que os alunos progredissem a cada atividade e pudessem transpor esse conhecimento para outros ambientes e situações comunicativas.

Seguindo essa perspectiva, foi abordado o gênero notícia a partir dos conhecimentos prévios dos alunos, para que pudessem ser capazes de ampliá-los e empregá-los em situações práticas. Para o desenvolvimento dessa ação, baseamo-nos na sequência de ensino proposta por Aguiar (2005), que consiste em quatro passos – problematização, desenvolvimento da narrativa, aplicação e reflexão –, tomados de forma articulada e cíclica durante todo o processo relatado a seguir.

No primeiro passo, o professor deve reunir os conhecimentos prévios dos alunos e apresentar o tema de uma forma que os mobilize do ponto de vista intelectual e afetivo. Já no desenvolvimento da narrativa, é realizada a exposição dos conteúdos propostos, para que os estudantes possam posteriormente se apropriar deles nas etapas de aplicação e reflexão. Naquela, os conhecimentos adquiridos são colocados em prática, de forma coletiva e individualizada, nos diversos contextos propostos pelo docente. Nessa etapa, valoriza-se a autonomia dos sujeitos, de modo que possam tomar para si a responsabilidade sobre a aplicação das ideias aprendidas. Por fim, no último passo, propõe-se uma reflexão sobre os conteúdos, que permite sua sistematização (AGUIAR, 2005).

Para a realização das aulas e das atividades foram utilizados os seguintes recursos: *data show*, disponibilizado pela própria escola, além de um *notebook* pessoal e cartolinas. Os dispositivos digitais foram empregados em todas as aulas para exibir slides e vídeos, enquanto as cartolinas foram distribuídas na última aula para que os alunos fizessem a atividade final.

Na primeira aula, foi exibido um vídeo⁸ da cantora Pablllo Vittar tratando sobre *fake news* para introduzir o tópico de maneira descontraída e de acordo com o repertório cultural dos alunos da turma acompanhada. A escolha desse vídeo se deu porque a cantora faz parte do universo dos jovens e é uma figura muito popular no meio digital. Em seguida, os alunos foram questionados sobre onde e como leem notícias, se checam ou não suas fontes. Os alunos responderam, em maioria, que não têm o hábito de ler notícias, o que reforça a relevância da abordagem desse gênero em sala de aula como forma de estimular a sua leitura. Para que os estudantes pudessem fazer o diagnóstico de seus próprios conhecimentos prévios sobre o gênero e para que pudessem retomá-los, foi proposta a eles a produção de uma notícia curta.

Nessa proposta solicitamos aos estudantes que escrevessem um texto de aproximadamente 10 linhas, no qual deveriam noticiar a chegada de extraterrestres em Minas Gerais. Para realizar essa atividade os alunos deveriam supor que eram jornalistas e que trabalhavam em um jornal de Belo Horizonte. A escolha do tema se deu numa tentativa de tornar a atividade mais atrativa para os alunos, já que o assunto desperta certo estranhamento. Consideramos que esse fator está presente também em algumas *fake news*; por isso, funcionaria como introdução ao assunto. Todos os textos foram produzidos durante a aula.

Na segunda aula, foram explicadas as especificidades do gênero notícia, com base em exemplos. A partir de uma notícia do site G1⁹, a estrutura básica do gênero (título, subtítulo, *lide* e texto) foi apresentada aos alunos e aspectos linguísticos relacionados ao gênero foram destacados (verbos geralmente no pretérito perfeito; uso da norma culta; preferência pela ordem sintática direta; uso escasso de adjetivos e advérbios). Além de tratar de aspectos estruturais, foi abordado o caráter subjetivo que uma notícia pode apresentar. Para explicar tal caráter, foram usadas manchetes¹⁰ que abordavam uma mesma notícia, mas de perspectivas diferentes. Essas diferenças se manifestam por meio de elementos linguísticos, por exemplo na escolha de palavras e temas, assim como no uso de determinadas estruturas sintáticas (voz passiva, sujeito indeterminado, entre outras). Tratando mais especificamente da circulação de notícias no meio

⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oPyj7NnuTFs&t=1s>. Acesso em: 10 jan. 2021.

⁹ Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2019/01/21/whatsapp-limita-reenvios-de-mensagens-a-5-destinatarios.ghtml>. Acesso em: 11 fev. 2021.

¹⁰ Disponível em: <https://exame.abril.com.br/brasil/apesar-de-expansao-acesso-a-internet-no-brasil-ainda-e-baixo/>, <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2018/04/policia-prende-160-pessoas-em-festa-de-milicianos-no-rio.shtml>, <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/operacao-policial-interdita-via-e-fecha-estacao-de-brt-na-zona-oeste-do-rio.ghtml>. Acesso em: 11 fev. 2021.
<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2018-04/milicianos-presos-no-rio-sao-transferidos-para-bangu>. Acesso em: 10 jan. 2021.

digital, foram mostrados e discutidos, ainda, alguns dados sobre o crescente uso da internet e das redes sociais no Brasil¹¹.

No final do segundo encontro, foi pedido aos alunos que reescrevessem a notícia produzida na aula anterior, com o intuito de aplicar e reforçar os conhecimentos adquiridos. De acordo com Prestes (2001), é importante que o professor auxilie os alunos na reescrita, tornando-os mais atentos ao que escrevem e, assim, capazes de revisar e reestruturar os próprios textos a partir de suas falhas e limitações. Os discentes apresentaram certa resistência diante do ato da reescrita, que, acreditamos, deve ser mais encorajado na educação básica por ser fundamental para o processo de aprendizagem. Ao final da aula, as produções foram recolhidas pelas bolsistas para que pudessem ser corrigidas.

Na terceira aula, as produções de escrita e reescrita, corrigidas, foram entregues aos alunos com nossos apontamentos e as principais inadequações em relação ao gênero foram apontadas oralmente, assim como sugestões de adequação. Alguns problemas comuns encontrados foram o excesso de períodos longos e o pouco uso de elementos de coesão, como conjunções e pronomes. Para que tais aspectos ficassem mais claros, dois exemplos de texto foram reproduzidos para os alunos, uma versão com os problemas acima citados e uma versão com a correção de tais problemas, conforme Quadro 1:

Texto 1
Um grupo de extraterrestres desembarcou em Minas Gerais, na cidade de Belo Horizonte, na última quinta-feira (11), próximo ao mineirão, as pessoas que estavam no local ficaram muito assustadas, nunca tinham visto uma criatura como aquela, que tivesse uma cor tão diferente, eles eram uma mistura de humano e peixe, chegaram no final da tarde e se instalaram no estádio, a nave deles funcionava como uma moradia.
Texto 2
Um grupo de extraterrestres desembarcou em Minas Gerais, na cidade de Belo Horizonte, na última quinta-feira (11), próximo ao Mineirão. As pessoas que estavam no local ficaram muito assustadas, pois nunca tinham visto uma criatura como aquela. Os alienígenas tinham uma cor muito diferente e, além disso , eram uma mistura de humano e peixe. Eles chegaram no final da tarde e se instalaram no estádio, já que sua nave funcionava como uma moradia.

Quadro 1: Exemplos de inadequações.

¹¹ Disponível em: <https://tecnologia.ig.com.br/2018-04-27/aceso-a-internet.html>, <https://cetic.br/pesquisa/domicilios/indicadores/>, <https://exame.abril.com.br/brasil/apesar-de-expansao-aceso-a-internet-no-brasil-ainda-e-baixo/>. Acesso em: 10 jan. 2021.

Fonte: elaborado pelas autoras, 2018.

Posteriormente, foi aplicado um quiz¹² com o propósito de realizar a identificação de autoria de determinadas frases, se tinham sido elaboradas pelo cantor Belo ou pela escritora Clarice Lispector. O objetivo dessa atividade foi sugerir um questionamento sobre a autoria e a veracidade das fontes em forma de jogo, que, segundo Kishimoto (2017), possibilita a imersão dos alunos em seu aprendizado como participantes ativos na criação de novas formas de lidar com as situações colocadas a princípio de forma lúdica. Em seguida, os alunos assistiram a um vídeo do canal Nerdologia¹³, que trata da repercussão de *fake news* e traz curiosidades sobre o tema. O intuito dessa atividade foi contextualizar os alunos, a partir de aspectos históricos e científicos, sobre o fenômeno da disseminação de notícias falsas. A escolha desse vídeo baseou-se também no fato de que o canal tem como principal público-alvo os jovens, trazendo referências de seu contexto.

Ainda como forma de propor uma reflexão crítica a partir da exposição a textos multimodais e introduzir o conceito de Pós-verdade para os alunos, foram lidas e discutidas algumas tirinhas (ver Figuras 1-5). Na análise das tirinhas, foram considerados os detalhes das imagens em conjunto com as formas verbais. Além disso, foi relevante observar o uso da ironia em algumas delas para compreender seu sentido, visto que os alunos demonstraram certa dificuldade na interpretação desse aspecto.



Figura 1: Tirinha sobre *fake news*.

Fonte: <http://domtotal.com/charge/2385/2018/10/perigos-das-fake-news/>. Acesso em: 10 jan. 2021.

¹² Disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/quem-disse-isto-clarice-lispector-ou-belo/>. Acesso em: 10 jan. 2021.

¹³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8quTOBvb8uA>. Acesso em: 10 jan. 2021.



Figura 2: Tirinha sobre mentiras e verdades.

Fonte: <http://www.dantefilho.com.br/2016/12/carlos-castilho-pos-verdade-nova-onda.html>. Acesso em: 10 jan. 2021.



Figura 3: Tirinha sobre verdade e pós-verdade.

Fonte: <https://www.materiaincognita.com.br/tag/pos-verdade/>. Acesso em: 10 jan. 2021.



Figura 4: Tirinha que questiona a noção de verdade.

Fonte: <https://www.facebook.com/malvadoshq/photos/d41d8cd9/1914200375363837/>. Acesso em: 10 jan. 2021.

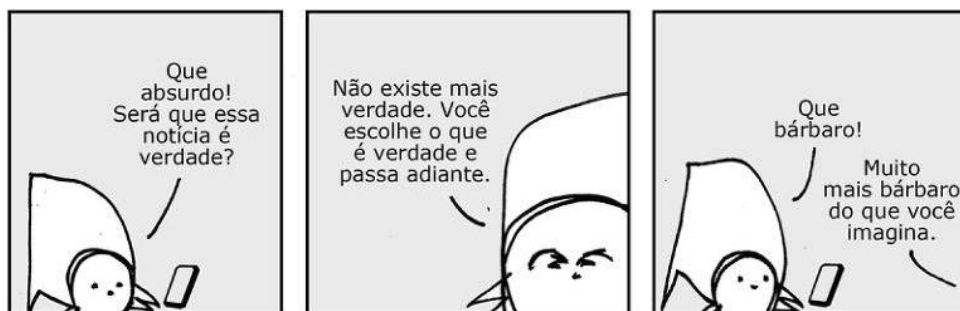


Figura 5: tirinha que questiona a noção de verdade.

Fonte: <https://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/nova/1625850525962243-andre-dahmer-abre-exposicao-individual-em-sao-paulo>. Acesso em: 10 jan. 2021.

Posteriormente, como forma de introduzir as estratégias de leitura de uma *fake news*, mostramos dois exemplos de mensagens de *Whatsapp* que contêm informações falsas (ver Figuras 6 e 7). De acordo com Marcuschi (2009, p. 15), os gêneros emergentes nas novas tecnologias “são relativamente variados, mas a maioria deles tem similares em outros ambientes, tanto na oralidade como na escrita”. Nesse sentido, as mensagens expostas aproximam-se das notícias na medida em que relatam um fato de interesse público. Contudo, dentre outros fatores que a diferenciam da notícia tradicional, é possível destacar que sua autoria não é institucional, pois não são vinculadas a um veículo jornalístico. Incentivamos, então, que os alunos expressassem suas opiniões sobre os textos, se pareciam falsos ou não e por quais motivos. Além disso, perguntamos se eles recebiam esse tipo de mensagem e em quais contextos isso acontecia.



Figura 6: Print de uma *fake news* enviada por *Whatsapp*.

Fonte: <https://www.techtudo.com.br/noticias/noticia/2014/02/corrente-falsa-diz-que-whatsapp-virou-whatsbook-e-sera-cancelado.html> Acesso em: 13 fev. 2021



Figura 7 Print de uma *fake news* enviada por *Whatsapp*.

Fonte: <https://www.gmconline.com.br/noticias/geral/boatos-sobre-nova-greve-sao-falsos-garantem-caminhoneiros> Acesso em: 13 fev. 2021.

Depois disso, foram levantadas estratégias de leitura para identificar uma *fake news*, considerando, especificamente, habilidades para letramento digital e crítico. Para exemplificar essas medidas, foi lido um artigo do site *e-farsas*¹⁴, cujo objetivo é desmistificar notícias falsas que são disseminadas pela internet. O texto apresenta uma informação falsa que circulou na Web e aponta alguns passos usados para desmistificá-la. Por exemplo, foram verificadas a data em que a notícia começou a circular, a legitimidade das imagens apresentadas e as suas fontes originais.

Quanto às estratégias de leitura apresentadas por nós, podemos destacar aqui que fez parte do processo de letramento digital e crítico dos alunos entender que é fundamental identificar a fonte da notícia e das citações e a adequação à estrutura do gênero. Além disso, é importante checar a data de publicação, se ela é atual ou não, e comparar o conteúdo da notícia em diferentes sites. Outra estratégia é pesquisar o posicionamento político-ideológico do autor e observar se a notícia apresenta um tom apelativo (uso de exclamações, hipérboles, vocabulário afetivo), já que essa característica geralmente indica descompromisso com fatos. Tais estratégias de leitura foram listadas e discutidas uma a uma com os estudantes.

¹⁴ Disponível em: <https://www.e-farsas.com/exames-de-hiv-vazados-pelo-wikileaks-provam-que-steve-jobs-era-soropositivo.html>. Acesso em: 10 jan. 2021.

Como proposta de atividade final, na quarta e última aula, os alunos deveriam, a princípio, elaborar um *vlog* em que demonstrassem uma leitura crítica de uma notícia falsa, de acordo com as estratégias apresentadas e seus próprios conhecimentos. Como previsto na etapa final da sequência de ensino de Aguiar (2005), a partir da reflexão sobre o desenvolvimento das aulas, foi identificado que os discentes apresentavam domínio significativo do uso de mídias digitais. Eles reconheciam, com relativa facilidade, a maioria das estratégias de leitura apresentadas, sendo, portanto, capazes de identificar uma *fake news*. Os alunos apontaram ainda que, em seus contextos de vivência, quem realmente era o público-alvo de *fake news* eram seus parentes mais velhos, como pais e avós.

Diante disso, mudamos o planejamento inicial, de modo que a proposta de produção passou a ter um objetivo diferente. Foi solicitada a elaboração de cartazes de conscientização, com o intuito de atingir um público-alvo que não apresenta o mesmo domínio em relação ao uso de internet, principal meio de veiculação de *fake news*. O trabalho foi realizado em grupos, para que os alunos pudessem trocar ideias e apresentar um resultado criativo. Na elaboração dos cartazes, foi incentivado que eles trabalhassem com cores e desenhos, verbos no modo imperativo, organização e seleção de ideias, de modo a tornar as informações objetivas e chamativas para o interlocutor que gostariam de atingir. Eles mostraram expressivo interesse pela atividade e se empenharam em sua elaboração.

A partir dessas experiências, fizemos uma reflexão crítica sobre pontos positivos e o que poderia ser melhorado numa próxima prática. Percebemos, como saldo dessa etapa, que o processo de elaboração de atividades didáticas não deve ser estático, mas sim acompanhar a resposta dos estudantes. Com o desenvolvimento das aulas, verificamos que os alunos já estavam conscientes sobre a disseminação de *fake news*, porém sabemos que essa não é a realidade de todos os jovens e muito menos de gerações anteriores. Por isso, é importante estimular que eles se posicionem e propaguem informações de qualidade. Propusemos a elaboração de cartazes, mas é possível ainda pensar em novas formas de conscientização junto aos próprios discentes, a partir do conhecimento adquirido com as aulas realizadas.

Além disso, o desenvolvimento das atividades também nos permitiu observar como as habilidades de escrita podem ser aprimoradas a partir do aproveitamento de textos digitais que não necessariamente têm o fim didático. O processo de escrita torna-se mais interessante quando apresenta aplicabilidades sociais justificadas. No caso da atividade descrita neste relato, os alunos puderam perceber estratégias linguísticas que se relacionam a fatores discursivos,

como estratégias persuasivas ou argumentativas, escolhas semânticas e sintáticas, diretamente implicadas na vivência social.

Valorizamos também o uso do lúdico nas atividades, além da aproximação dos textos escolhidos ao contexto cultural dos alunos, que garantiram maior retenção da atenção da turma. Esta proposta poderia ser expandida, de modo a estimular ainda mais o letramento crítico e digital a partir da inserção de mais textos, nesse caso, notícias, a serem trabalhados, visto que o tema das *fake news* mostrou-se pertinente para esse fim, por ser atual e muito presente. Consideramos que mais recursos multimodais poderiam ser utilizados, tanto para o ensino de leitura quanto para o ensino de produção textual.

Ademais, julgamos necessário incentivar ainda mais a pesquisa individual e coletiva, para que os alunos possam ter maior autonomia na busca do conhecimento. Finalmente, acreditamos ser importante discutir com os próprios alunos meios de divulgação de suas produções em um contexto extraclasse que envolva práticas legítimas de comunicação.

Considerações finais

A elaboração e a realização desse projeto possibilitou o amadurecimento das bolsistas em relação ao exercício da docência, graças ao espaço de formação coletiva proporcionado pelo Pibid. Percebemos inicialmente a importância do planejamento de propostas didáticas dinâmicas, que intercalem o conteúdo formal e atividades mais interativas e chamativas, já que os educandos demonstram maior interesse por essas tarefas.

Além disso, é importante também organizar os planos de aula com certa flexibilidade, de forma que possíveis mudanças possam ser feitas. É preciso também que essas modificações estejam alinhadas com os saberes manifestados pelos discentes, pois novas demandas podem surgir durante o processo de ensino-aprendizagem. Tendo isso em mente, fica clara a importância de um procedimento de ensino colaborativo, em que professor e aluno se mobilizem em torno de temas relevantes para o contexto social e cultural dos estudantes.

Ressaltamos, por fim, a importância de essa prática ocorrer no âmbito do Pibid, uma vez que contamos com o acompanhamento de um docente e um professor da educação básica durante o planejamento, a prática e a reflexão sobre a prática, identificando nesse percurso formas de desenvolver criticamente o ensino de língua portuguesa.

Ainda destacamos a importância de atividades coletivas para a iniciação à docência. Nesse contexto, foi fundamental ter elaborado e desenvolvido a prática didática em dupla, o que normalmente não acontece no âmbito profissional, que tende a ser mais solitário. O trabalho

em pares permitiu uma colaboração produtiva e criativa no planejamento; uma visão mais abrangente dos acontecimentos durante as aulas; ideias para momentos de improviso e reformulação do planejamento e discussão da avaliação ao longo das correções e *feedbacks* para as atividades dos alunos. Certamente, a formação docente sem esse espaço de trocas e experiências perderia muito em termos de qualidade.

A partir do relato dessa experiência, esperamos contribuir para práticas de ensino mais críticas, contextualizadas e que permitam maior interação entre os alunos, os professores, a universidade e a comunidade em geral.

Referências

ACOSTA-PEREIRA, Rodrigo. **O Gênero Jornalístico Notícia** – Dialogismo e Valoração. 2008. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

AGUIAR-JUNIOR, O. G. de. O planejamento do ensino. Proposta de Desenvolvimento Profissional de Educadores. PDP. *In*: GOVERNO DO ESTADO DE MINAS GERAIS. **Módulo II**, 2005. Disponível em: http://pensaraeducacao.com.br/rbeducacaobasica/wp-content/uploads/sites/5/2017/02/Planejamento-do-Ensino_Orlando-Aguiar.pdf. Acesso em: 12 set. 2018.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação. Governo Federal. **Base Nacional Curricular Comum: BNCC-Ensino Médio**. Brasília, DF, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/04/BNCC_EnsinoMedio_embaixa_site.pdf. Acesso em: 12 fev. 2019.

BRASIL ECONÔMICO. 69% dos brasileiros já têm acesso à internet pelo celular, afirma IBGE. **Ig**, abr. 2018. Disponível em: <https://tecnologia.ig.com.br/2018-04-27/acesso-a-internet.html>. Acesso em: 10 jan. 2021.

BUCCI, Eugenio. Pós-política e corrosão da verdade. **Revista USP**, São Paulo, n. 116, jan/mar. p. 19-30, 2018. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i116p19-30> Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/146574>. Acesso em: 11 jan. 2021.

FAKE news apelam e viralizam mais do que notícias reais, mostra estudo. **Folha de São Paulo**, mar. 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/03/fake-news-apelam-e-viralizam-mais-do-que-noticias-reais-mostra-estudo.shtml>. Acesso em: 10 jan. 2020.

FILHO, Otávio Farias. O que é falso sobre fake news. **Revista USP**, São Paulo, n. 116, p. 39-44, jan./fev./mar. 2018. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i116p39-44> Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/download/146576/140222/>. Acesso em: 25 jul. 2019.

FIORIN, José Luiz. Da necessidade de distinção entre texto e discurso. *In*: BRAIT, Beth; SOUZA-e-SILVA, Maria Cecília (Orgs.). **Texto ou discurso?**. São Paulo: Contexto, 2012, p. 145-165.

KISHIMOTO, Tizuko M. (org.). **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. São Paulo: Cortez, 2017.

LIDE. *In*: RABAÇA, Carlos Alberto. BARBOSA, Gustavo Guimarães. Dicionário da Comunicação. 5. ed. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

MALHEIROS, Bruno Taranto. **Didática geral**. Rio de Janeiro: LTC, 2013.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. *In*: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos (org.). **Hipertexto e Gêneros Digitais**: novas formas de construção do sentido. São Paulo: Cortez, 2009. p. 15-80.

MIHAILIDS, Paul; VIOTTY, Samantha. Spreadable Spectacle in Digital Culture: Civic Expression, Fake News, and the Role of Media Literacies in “Post-Fact” Society. **American Behavioral Scientist** [online], mar. 2017. DOI: <https://doi-org.ez27.periodicos.capes.gov.br/10.1177%2F0002764217701217>. Disponível em: <https://www-periodicos-capes-gov-br.ez27.periodicos.capes.gov.br/>. Acesso em: 14 fev. 2021.

NOTÍCIA. *In*: RABAÇA, Carlos Alberto. BARBOSA, Gustavo Guimarães. Dicionário da Comunicação. 5. ed. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

SOARES, Magda. Letramento em verbete: o que é letramento? *In*: SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. São Paulo: Autêntica, 1999. p. 14-25.

PÓS-VERDADE. *In*: DICIONÁRIO Priberam da Língua Portuguesa [online]. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/p%C3%B3s-verdade>. Acesso em: 3 ago. 2019.

PRESTES, Maria Luci de Mesquita. **Leitura e (re)escrita de textos**: subsídios teóricos e práticos para o seu ensino. 4. ed. Catanduva, SP: Editora Rêspel, 2001.

ROJO, Roxane. Letramento e capacidades de leitura para a cidadania. São Paulo(SP): Rede do Saber/CENP_SEE-SP, 2004. Disponível em: http://arquivos.info.ufrn.br/arquivos/2013121153a8f1155045828c12733b68e/Letramento_e_capacidade_de_leitura_pra_cidadania_2004.pdf. Acesso em: 15 fev. 2021.

ROJO, R. Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. *In*: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (org.). **Gêneros**: teorias, métodos, debates. São Paulo: Parábola, 2005. p. 184-207.

ROJO, Roxane. Pedagogia dos multiletramentos: diversidade cultural e de linguagem na escola. *In*: ROJO, R.; MOURA, E. (Orgs.). Multiletramentos na escola. São Paulo: Parábola, 2012.

SARDINHA, Patrícia Miranda Medeiros. Letramento crítico: uma abordagem crítico-social dos textos. **Linguagens & Cidadania**, v. 20, jan./dez. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/LeC/article/view/32421/pdf>. Acesso em: 3 ago. 2019.

RIBEIRO, Ana Elisa; COSCARELLI, Carla Viana. Letramento Digital. **Glossário Ceale**. Disponível em: <http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/letramento-digital>. Acesso em: 3 ago. 2019.